

A EMENDA PARLA- MENTARISTA

Escreve-nos o deputado Raul Pilla:

"Não foi sem surpresa que li o artigo editorial do "Correio da Manhã", intitulado "Parlamentarismo Atômico", surpresa, principalmente, por partir de órgão tradicionalmente revisionista da nossa imprensa, o ataque à reforma parlamentarista da Constituição.

Não tenho o direito de discutir aqui tal artigo, nem este é o meu intuito. Desejo, apenas, fazer o meu protesto contra a injustiça feita, na parte final do artigo, aos autores da emenda constitucional. Segundo o articulista, nenhuma preocupação elevada os teria inspirado, embora se contem entre eles velhos e honrados lutadores, como o deputado José Augusto. Tudo se reduziria a simples "manobra política, para tirar do sufrágio universal a escolha do presidente da República, entregando-a ao Poder Legislativo. Parece realmente triste — acrescenta o articulista — que a ambição de dominar o país leve seus homens a atentar contra o próprio regime".

Aí está, pois, sr. diretor: para esse jornal, que tão larga influência exerce na opinião nacional, não passamos todos de ambiciosos sem escrúpulos. Curvo-me ante a sentença, que, muito mais do que a mim, atinge injustamente outros cidadãos. Mas, já que de réprobos é a nossa condição, parece que, ao menos, um direito me assiste: solicitar ao articulista me explique como poderei eu, feita a reforma parlamentarista, satisfazer a ambição de dominar o país, que a todos nos devora. Eu, pelo menos, o ignoro, pois sempre culdei que o melhor regime para satisfazer a ambição de poder fosse o presidencial, que nas mãos de um só homem enfeixa praticamente todo o mando por prazo irrecorrível, e não o parlamentar, que despersonaliza o poder e o sujeita às oscilações de uma assembléa representativa.

É, porém, uma revolução o que se intenta! — exclama alarmado o articulista. É uma revolução branca: Não negamos que o seja. Seria preferível uma revolução rubra? Branca ou rubra, não compreendo este horror à palavra, num jornal que ajudou várias revoluções neste país, inclusive a que derrubou a ditadura de 1937.

Sei que já estou abusando, sr. diretor, da sua benevolência. Mas contra nós, os reformistas, invocou o articulista a Rui Barbosa, o apóstolo máximo do revisionismo, o homem cujas memoráveis campanhas sempre tiveram no "Correio da Manhã" um poderoso baluarte. "Rui Barbosa — diz ele — propôs, com parcimônia, a reforma de alguns dispositivos daquele pacto" (a Constituição de 24 de fevereiro). Ora, se é verdade que o artífice máximo do estatuto republicano começou cautamente a sua campanha revisionista, não menos certo é que ela foi crescendo de intensidade, até chegar a verdadeiras objurgatórias contra o presidencialismo. Assim, pouco antes de morrer, escrevia ele:

"Essa intrânsigência em que o mundo político se abraza pelo sistema presidencial, negando pão e água a qualquer traço de ensaio das formas parlamentares, não se origina, realmente, de nenhum dos motivos alegados, não tem nascença em considerações de ordem superior, não vem de que os nossos políticos bebam os ares pela verdadeira prática republicana. Não, senhores. Pelo contrário, o de que se anda em cata, é só da irresponsabilidade na política e na administração.

"Na irresponsabilidade vai dar, naturalmente, o presidencialismo. O presidencialismo, se não em teoria, com certeza praticamente," vem a ser de ordinário um sistema de governo irresponsável."

Perdoe-me, sr. diretor, estas alegações que eu não poderia calar, porque decorrem da grande consideração que a todos merece esse jornal.

Atentamente. — Raul Pilla."

6.10.1949